

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## O ROUBO DA CASA FERRAZ: CRIME E LOUCURA NA TRAJETÓRIA DE PEDRO DA SILVA REGO

Patrick Moraes Sepúlveda

Mestrando do PPGH da UNEB- Campus II

Ao final de março de 1913 e em meio a longas diligências, o mistério do roubo das Casas Ferraz, joalheria famosa situada ao centro da cidade do Salvador, finalmente teria o seu fim. Dentre os suspeitos estariam dois indivíduos, o estudante de odontologia Arnóbio Marques Monteiro e o comerciante Pedro da Silva Rego. Embora ambos estivessem envolvidos no bem-sucedido assalto, o último atrairia maior atenção das autoridades ao caminhar do processo devido a sua personalidade incomum para os padrões das primeiras décadas do século XX.

Durante o caminhar das diligências e em meio a variadas negativas do sujeito, cada vez mais o seu comportamento parecia incomum. O homem demonstrava destreza nos argumentos, conhecimento das bases teóricas positivistas e tinha uma personalidade desafiadora, transgressora da ordem. Das diferenças, começaram a surgir rumores sobre a possibilidade de loucura, algo difundido em maior amplitude quando o jornal *Gazeta de Notícias: Sociedade Anonyma* adquiriu maiores informações sobre quando o indivíduo serviu no exército.

Na ocasião foi revelada a agressão a um dos superiores, atitude inaceitável para uma instituição regida pela ordem. Contudo, o mesmo periódico ainda levantou a possibilidade de simulação da loucura para “fustar castigo”, estratégia comprovada após o exame de sanidade mental do Hospital Nacional dos Alienados alegar a inexistência de transtorno mental. Mediante aos rumores, pressões do advogado pelo *habeas corpus* e dúvidas enaltecidas pela observação leiga dos juristas, Pedro se submeteu a outro exame de sanidade mental, dessa vez com a equipe do Asilo São João de Deus.

Estaria Pedro da Silva Rego sofrendo das faculdades mentais?

Os médicos do asilo constataram durante os três meses de observação o contrário da instituição carioca. Alegavam que o indivíduo era alienado, mas a sua loucura estaria ligada ao fator da degeneração. Entretanto, Pedro não parecia aceitar o resultado final do exame,

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pois três meses depois organizou com uma fuga. Ao procedê-la direcionou para a sua casa em Itapagipe, mas seria localizado rapidamente e reencaminhado para o asilo.

Para a surpresa de quem acompanhou o caso, ele não tem o seu fim com o retorno do indivíduo ao hospital e sim na nova tentativa de *habeas corpus*, dessa vez silenciosa, e sem maiores repercussões. A pequena nota na primeira página do jornal *Gazeta de Notícias*, no dia nove de outubro de 1913 apontava para dois indivíduos com o recurso aprovado, um deles era Pedro.

A trajetória de Pedro da Silva Rego, ao contrário de outros indivíduos de maior prestígio na sociedade soteropolitana, pode ser reconstruída a partir de jornais locais e os processos crime. Por mais que tais documentos sejam carregados de suas próprias concepções e auxiliem na formação de variados estigmas relacionados a questão da raça, da criminalidade ou da alienação, essas fontes também podem se constituir como de grande utilidade para o resgate das trajetórias de determinados sujeitos considerados excluídos ou anônimos, pois apresentam aspectos sobre as vidas individuais, e sobretudo das relações sociais que os envolvem.

Para além disso, as fontes mencionadas situam o historiador sobre a composição de complexos grupos na sociedade soteropolitana, empenhados na fomentação da figura do “cidadão de bem”, e composto majoritariamente pela perspectiva do médico e dos juristas. Contudo, é possível a reconstrução por meio do processo crime, mesmo que na maioria das vezes sejam informações fragmentadas. Nesta também está presente a influência da medicina nas relações sociais, onde é evidente as novas diretrizes a serem seguidas. Estes profissionais se pautavam em modelos de civilizações europeias, tidas àquele momento como civilizações superiores para que se atingisse o progresso da nação.

Os periódicos, nesse contexto, também se inseriram na proposta civilizatória. Como um dos principais meios de comunicação da cidade do Salvador na Primeira República, continha narrativa variada relacionada aos elementos que o cercavam nesta sociedade. Dependia principalmente das características do público consumidor. Mas, o elemento que não poderia faltar, e pode-se dizer que era usual na linguagem dos repórteres, era a defesa de pautas burguesas como a modernização, o civilismo e o progresso. Sendo essa uma prática de quase todos os jornais do período.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Outro fator que os periódicos se aproveitavam no período era o da narrativa, estratégia poderosa no momento da construção e divulgação das notícias. É perceptível na análise de fontes o teor sensacionalista característico através a articulação dos repórteres, onde o intuito era uma pedagogia dos hábitos e costumes “modernos”. Os jornais participaram ativamente em variadas pautais relacionadas a questão da sociabilidade, possuindo assim papéis muito maiores na dinâmica social. Mas outro campo do qual se envolviam recorrentemente era o da política. Na cidade do Salvador, os impressos de maior renome pertenciam a membros de partidos políticos, sejam do governo vigente ou da oposição, e quando não possuíam “dono”, tinham o seu apoio evidente a determinada facção.

Esse é o caso do *Gazeta de Notícias: Sociedade Anonyma*, jornal onde as notícias relacionadas a Pedro da Silva Rego receberam maior enfoque. Como os outros periódicos em circulação na Belle Époque, este apoiou os principais ideais ditos em prol do progresso, com a atenção principal a modernização das cidades, pauta pela qual o então governador do estado, o José Joaquim Seabra ficou reconhecido após “remodelar” o centro da cidade.

Para os grupos dominantes a cidade mais higiênica significava não somente atingir o patamar dos “gigantes” europeus, mas sobretudo uma sociedade mais segura para a livre circulação das famílias burguesas. A proposta considerada mais eficaz do Estado para que isso se efetivasse consistia no isolamento de tudo aquilo -ou aqueles- que impedia o desenvolvimento. Desse modo, os indivíduos ditos degenerados, criminosos, mendigos e loucos eram agora alvos dos projetos segregadores vigentes.

A loucura ganhava nos primeiros anos do século XX uma maior preocupação da máquina estatal, visto que, em 1906 e sob o auxílio dos médicos, foi sancionada a Lei de Assistência aos alienados. Em sua composição, além de permanecerem excluídos do processo democrático, como também ocorreu com outros grupos, os sujeitos considerados loucos seriam representados como pessoas que não podiam administrar bens próprios, muito menos responder por seus atos. A loucura tornar-se-ia oficialmente uma doença presente na sociedade moderna, e somente a psiquiatria poderia manejar melhores condições para a sua terapêutica.

Porém, esse também foi um processo árduo para a medicina. Embora existissem no século XIX instituições no Brasil para a sequestração de alienados, a especialidade psiquiátrica não adquiriu imediatamente autonomia, esse processo se deu de forma gradual

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

pois ainda nos primeiros anos republicanos a maioria dos asilos eram administradas pela Santa Casa de Misericórdia. Esse processo não seria diferente na Bahia. Em Salvador, o Asilo São João de Deus foi o hospital central no tratamento a loucura desde a sua fundação em 1874, teria sido fundada na freguesia do Engenho Velho de Brotas, local afastado do centro da cidade e indicado pelos médicos como o ideal para a terapêutica devido a crença na teoria miasmática. Com o passar dos anos e a desmitificação teórica, a casa que pertenceu ao poeta Castro Alves e recebera nos primórdios o apelido de a “Bella Vivenda”, seria completamente criticada por sua localização e pela má gestão da sua estrutura física.

A morte dos alienados por doenças infectocontagiosas devido as condições precárias marcaram os anos de gestão da Santa Casa, bem como a sua compreensão limitada sobre o tratamento à loucura. Durante toda a primeira década do século XX, a especialidade psiquiátrica ganhou forma e autonomia a ponto de travar intensos embates para a obtenção do controle do asilo, o maior dos argumentos defendidos era de que as Misericórdias não possuíam conhecimento sobre a doença e era, portanto, leiga. Em agosto de 1912, haveria, portanto, a transição administrativa e o Governo do Estado passou a gerir a instituição sob apoio dos médicos.

Sob a nova direção do Dr. Eutychio Leal, o asilo não conseguiu modificar os problemas básicos pela qual os médicos tanto reivindicavam melhora, visto que problemas como a superlotação continuavam, e se transformavam na tônica de diversas discussões no período. Outro aspecto que se manteve semelhante foi o objetivo da instituição, pois como sugeria os altos índices de internação no período, o hospital de tratamento aos insanos parecia ter o intuito maior de reclusão do que necessariamente de reabilitação dos internos e reinserção a sociedade. Cabe salientar também o número elevado de mortes, informação presente nas fontes produzidas sobre o movimento interno do Asilo São João de Deus.

Embora o asilo não seja o enfoque para o caminhar da comunicação, ela é fundamental para a compreensão dos tramites envolvendo os alienados em Salvador no período, ou seja, o ambiente tem a sua importância por ser um dos locais de construção e reprodução de relações sociais complexas, onde se envolviam médicos, pacientes e enfermeiros. Espaço esse que a partir da disciplina, simularia elementos do externo para a reprodução da vida cotidiana, sem que se ignorasse a pedagogia social que a medicina se apoiara.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Além disso, o espaço físico se tornava também das trocas interpessoais e das experiências adquiridas nos âmbitos externos e internos. Por seus corredores e jardins circularam personagens anônimos como Pedro da Silva Rego, que embora não gozasse dos privilégios inerentes a grupos sociais abastados, foi apresentado nas documentações sob a perspectiva de transgressor da ordem social. E é a partir das transgressões que nos permitimos indagar sobre a possibilidade de estratégias de determinados sujeitos, em uma instituição gerida por preceitos disciplinares, e sobretudo da autoridade máxima na figura do médico.

A partir dos avanços historiográficos, tem se desenvolvido pesquisas de maior enfoque na história da saúde e das doenças, campo que vem se expandindo desde as últimas décadas do século XX, do qual tem abarcado temas de pesquisa variados. A loucura é um deles. Impulsionado por estudos de Michel Foucault, o objeto ganhou o seu reconhecimento no Brasil com o surgimento de trabalhos acadêmicos, onde não somente os mecanismos de controle das instituições e dos médicos ganharam maior ênfase, mas os sujeitos marginalizados e os seus cotidianos. À luz da história social inglesa, novas perspectivas surgem como possibilidades para que se enxergue os indivíduos através das suas agências, experiências e estratégias, elementos fundamentais para a compreensão das tensões entre o poder hegemônico dos grupos dominantes em contraste dos excluídos.

É de se destacar que mesmo com a existência de tantas articulações de poder do Estado e com a valorização da figura do médico, alguns alienados ainda assim estão longe de serem considerados como submissos ao sistema vigente. Estamos certos de que raramente as suas ações se transcendem em reivindicações diretas por melhores condições, afinal, o asilo figura um ambiente com mecanismos próprios de coação, onde se segue a premissa da disciplina como ferramenta pedagógica à indivíduos que teoricamente subvertiam a ordem estabelecida. Contudo, são os mínimos detalhes das fontes que atraem a atenção do historiador para a reconstrução das trajetórias dos alienados.

Quando aplicamos o aporte teórico da história social em uma pesquisa relacionada a loucura, devemos inicialmente considerar quais as formas possíveis como esses sujeitos apresentam as suas agências no seu processo histórico. Desse modo, elas podem ser identificadas a partir de ações específicas, na maioria das vezes silenciosas, em que o indivíduo supostamente buscou melhores alternativas para a sua sobrevivência. Assim, a

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

partir da análise minuciosa do corpus documental, podem ser identificadas transgressões da ordem, sejam elas no ambiente asilar ou na complexa realidade das ruas, como dissimulações de alguns pacientes nos prontuários, a escolha de momentos mais adequado para prosseguirem com determinadas ações pouco aceitas para o sistema disciplinar, o mutismo ao momento do questionamento das autoridades médicas, a organização de fugas etc.

Como mencionado anteriormente, a última foi inclusive protagonizada pelo personagem citado, três meses após ser definido o seu internamento no Asilo São João de Deus. Mediante a pressões das autoridades jurídicas e dos jornais locais, foi procedido pelo diretor da instituição o exame de sanidade mental no indivíduo e a constatação de alienação. Contudo, após o período de três meses e uma série de solicitações de *habeas corpus*, Pedro conseguiria a fuga com sucesso. Possivelmente pela precariedade relacionada a segurança do hospital.

Contudo, seria encontrado novamente na sua residência e recapturado pelas autoridades policiais. Após todo o processo, é comum a suposição de que o alienado sofreria alguma espécie de castigo ou se prolongaria o tempo de internamento, mas em seu caso, ocorreu de maneira contrária pois em seguida o seu advogado conseguiu a aprovação do *habeas corpus*. Finalizando desta forma o inquérito.

Apesar de raros, personagens bem articulados e que se aproveitaram de suas experiências podem surgir através da gama de fontes produzidas pelas autoridades policiais ou os meios de comunicação. Percebe-se, portanto, a importância de analisarmos os sujeitos anônimos minuciosamente, pois eles podem nos apresentar múltiplas realidades sobre a sequestração, sem que necessariamente fossem obedecidos incessantemente os critérios implantados pelas autoridades médicas, policiais ou políticas.

Desse modo, Pedro da Silva Rego é personagem ativo nesta sociedade, e deve ser inserido em todas as questões que a ela cercam. A sua trajetória contada através da fonte “oficial” não pode significar verdade absoluta sobre a sua pessoa, e sim uma das variadas versões -sobretudo parcial- possíveis sobre uma vida. Contudo, cabe considerarmos a representação de suas ações diante dos mecanismos de dominação, de modo a reanalisarmos as concepções de submissão no ambiente asilar e quais as possibilidades para os alienados em uma realidade de limitações e exclusões diversas a esses grupos.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

A comunicação, portanto, visa apresentar o personagem e as suas estratégias ante os mecanismos de dominação. A sua agência na sociedade, por mais que narrada através de variados estigmas relacionados a raça, a degeneração ou da classe, demonstra o quanto os sujeitos podem se articular de variadas formas para se auto beneficiarem em uma sociedade projetada para a exclusão de grupos que impediam os anseios das camadas abastadas. Planejadas ou não, as suas ações simbolizam resistência a coação, através da apropriação de práticas silenciosas em prol da sobrevivência.